

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

20 de setembro de 2023

TRÊS CURTAS-METRAGENS DA TERRATREME

CORPOS CINTILANTES / 2023

Um filme de Inês Teixeira

Realização e Argumento: Inês Teixeira / **Assistente de Realização:** António Pinhão Botelho / **Diretores de Produção:** Ângela Machado e Mariana Neto / **Produtora:** Terratreme / **Distribuição:** Agência de Curtas-Metragens / **Montagem:** Joana Góis / **Direção de Fotografia:** Vasco Viana / **Som e Montagem de Som:** Tomé Palmeirim / **Mistura de Som:** Joana Niza Braga / **Direção de Arte e Figurinos:** Nádia Henriques / **Maquilhagem e Cabelos:** Rita Castro / **Interpretações:** Maria Abreu, Gaspar Menezes, Beatriz Forjaz, Maria Gil / **Participação Especial:** Carla Maciel **Cópia:** DCP, a cores, falado em português, 23 minutos / **Estreia Mundial:** Maio 2023, Semaine Internationale de la Critique de Festival de Cannes / **Estreia Nacional:** Julho 2023, Curtas Vila do Conde Festival Internacional de Cinema, Portugal // Primeira apresentação na Cinemateca.

RATICIDA / 2022

Um filme de João Niza Ribeiro

Realização e Argumento: João Niza Ribeiro / **Assistente de Realização:** Vasco Saltão / **Produção Executiva:** Leonor Noivo / **Direção de Produção:** Catarina de Sousa / **Chefia de Produção:** João Lourenço / **Produtora:** Terratreme, Pântano / **Distribuição:** Agência de Curtas-Metragens / **Montagem:** José Magro, Joana Góis e João Niza / **Direção de Fotografia:** Tiago Carvalho / **Direção de Som e Mistura:** Manuel Mendes / **Banda-Sonora:** Ricardo Fernandes / **Direção de Arte:** Ana Meleiro / **Interpretações:** João Negrão, José Rato, Manuela Nabais, Hugo Almeida, Albino Bastos Moina, Paulo Barbosa / **Cópia:** DCP, a cores, falado em português, 22 minutos // **Estreia Mundial:** Julho 2022, Curtas Vila do Conde Festival Internacional de Cinema / Primeira apresentação na Cinemateca.

HEITOR SEM NOME / 2022

Um filme de Vasco Saltão

Realização e Argumento: Vasco Saltão / **Produtora:** Terratreme / **Distribuição:** Agência de Curtas-Metragens / **Fotografia:** Vasco Viana / **Montagem:** Francisco Moreira, Vasco Saltão / **Direção de Arte:** Ana Meleiro / **Som:** Olivier Blanc / **Montagem de Som:** António Porém Pires, Miguel Cabral / **Misturas:** Tiago Matos / **Correção de Cor:** Andreia Bertini, Vasco Viana / **Interpretações:** Isac Graça, Afonso Molinar, Gustavo Sumpta, João Nunes, Melinda Stouten, Zsófia Tettamanti / **Cópia:** DCP, a cores, falado em português e inglês, 29 minutos / **Estreia Mundial:** Julho 2022, Curtas Vila do Conde Festival Internacional de Cinema.

Com a presença dos realizadores

CORPOS CINTILANTES

*Não tens noção,
de quanto o corpo é corpo
no desejo.*

Anjos do Corpo - XXI, Maria Teresa Horta

A minha relação com o cinema e, em particular, as intenções para a realização da curta-metragem **Corpos Cintilantes**, foram profundamente afetadas pelo ciclo «Histórias do Cinema», programado pela Cinemateca Portuguesa em 2016, no qual tive a oportunidade de assistir a um seminário de Laura Mulvey sobre a obra de Douglas Sirk.

Até então, tinha concluído a Licenciatura em Cinema, pela Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa, em 2012, ano de recessão económica que viria a ser conhecido como o «ano zero do cinema português». Dadas as circunstâncias, ingressei no Mestrado em Estudos de Cultura, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, onde além de uma efervescente teoria crítica, fui exposta a um conjunto de colegas, cujas conversas e partilhas me foram permeando a uma consciência feminista.

Finalmente, em abril de 2016, a Cinemateca convidava Laura Mulvey, autora do célebre ensaio «Visual Pleasure and Narrative Cinema», a comentar a obra do realizador Douglas Sirk. Neste contexto, o visionamento de **Imitation of Life** foi um momento especialmente transformador, não só pela singularidade do próprio filme, mas sobretudo pela análise que a autora fez à luz do seu conceito de «male gaze». Mulvey iluminava aquilo que eu anteriormente só podia intuir: a forma como o feminino é representado no cinema. Por outras palavras, a presença feminina no cinema narrativo, especialmente no período clássico norte-americano, tem sido relegada a um papel tradicionalmente secundário, muitas vezes esvaziada de agência, contribuindo para uma suspensão da progressão narrativa com momentos de contemplação e sedução. Já a presença masculina tem operado de forma oposta: na maioria das vezes, é protagonista da história e motor da progressão narrativa, convidando o espectador a identificar-se e a adoptar a sua subjetividade.

Depois deste ciclo de cinema, o meu interesse aparentemente aleatório por filmes narrados de uma perspetiva feminina, começou a concretizar-se como objeto de estudo, ao mesmo tempo que crescia em mim o desejo de contribuir para este património. Motivada por estas reflexões e influências, surge **Corpos Cintilantes**. História de juventude ou rito de passagem, esta curta-metragem explora um momento particular na vida de Mariana, uma jovem de 16 anos que, ao ser convidada para passar um fim-de-semana em Leiria, começa a olhar para Jorge de outra forma. Gradualmente desperta-se um desejo erótico e Mariana torna-se um sujeito desejante.

Esta história é inspirada numa memória da minha adolescência, quando um amigo me convidou para passar um fim-de-semana em sua casa. Recordo-me do convite inesperado e da estranheza de ir dormir a casa de um rapaz, cuja relação não era de grande intimidade. Naturalmente, a surpresa do convite levantou expectativas que me animaram durante todo o fim-de-semana, mas com o passar das horas nenhum dos dois ousou demonstrar o que sentia e nada sucedeu, ficando eu, nessa época, convencida de que tudo teria ocorrido apenas na minha cabeça. Anos mais tarde, ao recordar este fim-de-semana, pergunto-me se o convite em si não seria já uma demonstração do seu interesse e se os meus constrangimentos em revelar o desejo que sentia não poderiam ter impossibilitado a sua própria consumação.

Mas como materializar o despertar do desejo de uma jovem mulher?

Em **Corpos Cintilantes** o desejo é o motor da progressão narrativa. O filme convida-nos a adoptar a perspectiva de Mariana e a participar de forma ativa no jogo de sedução e adivinhação. Materializando a experiência do desejo, o corpo ocupa um lugar central nesta obra. Logo no início do filme, este elemento é objeto de reflexão, através do texto «Lisboa, Cidade em Transformação», de Keil do Amaral, sobre os corpos de “mulheres entaladas” representadas nos prédios da Avenida de Roma, em Lisboa. A relação com o corpo é ainda visível na forma especialmente atenta como Mariana observa os outros, em particular os referenciais femininos. É o caso de Laura (Carla Maciel), mãe de Jorge, e Marta (Beatriz Forjaz), irmã mais velha de Jorge, cuja confiança e beleza a impressionam. Porém, igual atenção será dedicada às dificuldades que o desejo comporta, pondo em cena os constrangimentos que impedem Mariana de revelar o que sente. Recorde-se o momento em que, ao vestir o biquíni de Marta, Mariana se confronta com a sua imagem no espelho, o que dá lugar ao desconforto e à insegurança.

No final, a estrutura anti-climática privilegia a experiência do desejo, em detrimento da sua consumação. À noite, sozinha no quarto, Mariana confronta-se com o seu próprio desejo. Um desejo tão forte que a faz levantar-se e deambular, mas sobre o qual ainda não consegue agir. Porém, ao confrontar-se com o seu reflexo no vidro da cozinha, Mariana apercebe-se que conhece agora a experiência do desejo.

Inês Teixeira

RATICIDA

Atravessamos um momento violento e extremado da nossa história colectiva. Somos convidados a expor de uma forma contínua e ininterrupta a nossa individualidade, enquanto simultaneamente nos confrontamos diariamente com actos de semblante monstruoso. Se o primeiro cria um vazio interior, pela ausência do silêncio obrigatório para a nossa construção, o segundo ganha proporções avassaladoras, e somos obrigados a digerir cada tragédia como algo de ficcional para lá do nosso olhar.

Este movimento de tensão entre o interior e o exterior, entre o individual e o colectivo, estão na origem de **Raticida**. Se numa noite, como tantas outras, Carlos vê-se trancado do seu quarto pela intrusão de uma ratazana, que com ela traz a presença de um mundo exterior para dentro do seu refúgio, faz uma escolha consciente de viver em pleno sobre um mundo progressivamente mais degradado, onde o tempo e o grotesco se abatem permanentemente e sem descanso sobre o seu corpo. É esta escolha de inacção voluntária e consciente, que vocifera a revolta inútil e Absurda de Carlos, até ao ponto de ruptura e exaustão.

Com o intuito de ampliar a transversalidade da reflexão proposta, é essencial procurar algum semblante real apoiando o filme na representação do não-actor. O contraste entre a *mise-en-scène* absurda, e os regionalismos, gestos, rostos de uma cidade, procura amplificar a sensação de Absurdo e grotesco a que os actos finais do filme se propõem. O absurdo impresso sobre a carne e osso, tornando a narrativa dissonante com a realidade representada.

É urgente forçar as portas para uma nova reflexão sobre o significado do Ser Humano. É urgente dialogar sobre os limites do nosso espaço interior face ao que se passa para lá da porta do nosso quarto. **Raticida** procura levantar essas questões, dando a experimentar o Absurdo e colocando em cheque a importância das nossas próprias ratazanas.

João Niza Ribeiro

HEITOR SEM NOME

No ano de 1578 o Rei de Portugal, Dom Sebastião, parte rumo a uma batalha da qual todos sabemos o desfecho. Instala-se desde então na psique nacional uma certa ideia de tempo estagnado pela promessa de um futuro por vir e de um salvador vindo das brumas. Uma ideia confortável e que cola bem com um

certo modo de estar caracterizado pela inação e tristeza, pela melancolia que facilmente associamos a este país. Estaremos à espera, sentados?

Parti desta ideia de inércia relacionada com o mito do Sebastianismo para a procura de um filme, de um gesto que a materializasse. E foi precisamente nessa procura e posterior construção que esse tema base se começou a estilhaçar, diluindo-se ao ponto de passar para segundo plano. Não deixou de estar presente mas agora como camada, a pele do filme revelou-se afinal outra, encontrou um novo rumo e um novo sentido na materialização do tema no corpo de um personagem. Prevaleceu o homem, Heitor, e a procura dos seus detalhes próprios, das suas dúvidas e angústias, dos seus sonhos e tristezas e principalmente daquilo que o move e faz respirar. Prevaleceu a possibilidade de quebrar esse estado de espera eterna e inação melancólica.

Aproximei-me assim do filme e do tema, até porque sou pouco dado a Reis, Monarquias, Hierarquias e Salvadores vindos do nada, pouco dado a exaltações e sentimentos nacionalistas ou saudosistas, sou até averso a tudo isso. **Heitor Sem Nome** reflecte uma vontade de mandar esses conceitos às urtigas, partindo desta visão provinciana e asfixiante de nacionalidade e honra para algo bem maior: Mulheres e Homens livres e pensantes, sem classe, hierarquia ou qualquer forma de submissão e exercício de poder.

Heitor incorpora o peso da inércia enquanto é subjugado por um exercício de poder e classe. O seu estado é limite; com fome e sede, isolado do mundo e apenas com um objectivo aparente, cumprir um qualquer dever que lhe foi atribuído e que quase não questiona. Não é expectável que seja capaz de muito mais este homem, no fundo trata-se de um homem qualquer, um dos que aguarda sentado. Mas Heitor questiona-se, afinal está preso por arames no precipício da submissão, e reage perante a única coisa capaz de quebrar as correntes da inação, de nos fazer levantar do chão e agir, aquilo que se sobrepõe a tudo isto, o amor. Neste caso de um homem pelo seu animal, um burro, e o modo como age perante a sua ausência.

É precisamente por ser um homem qualquer, a início fraco e submisso perante a norma, que os gestos e o grito de revolta que descobre em si (diante da dor, da injustiça e de uma ausência de amanhã), fazem de Heitor mais do que ele próprio é. O seu limite de contágio estende-se ao ponto de podermos ser nós, e qualquer um, que nos encontramos subjugados perante um poder opressor e que decidimos numa situação limite ter a coragem de dizer que não, cada um à sua maneira e possibilidade. Heitor não é um salvador de coisa alguma, não é um incitador de revoluções nem as concretiza, não é um herói. O seu grito é contido e à sua escala, serve essencialmente de aviso, liga-se a uma vontade de dizer que não, vontade de não esperar de braços cruzados, vontade de seguir um qualquer rumo livre sem amarras nem ordens, sem Reis e sucedâneos, vontade de espírito crítico e de escolha. Na impossibilidade de tudo isto, grita-se.

Tal como no meu anterior filme (**Ave Rara**) procuro em **Heitor Sem Nome** a segura e o despojamento de tudo o que é acessório e não essencial na transmissão do gesto final do personagem uma vez chegado a um estado limite. Estamos sempre próximos de Heitor e da relação do seu olhar com o que o rodeia; o mar insondável e perigoso (inação, vazio e dever), o burro frágil, velho e humanizado (amor e companheirismo) e a figura do outro, sem rosto nem identidade (poder, submissão, injustiça). A opção pelo preto e branco pretende reforçar pelo contraste e graus de negro a situação limite que o personagem vive e o peso que se abate sobre ele. No mesmo sentido trabalhará o som, como se também ele sem cor, fazendo uso da repetição opressora e envolvente da presença do mar e da rebentação violenta das ondas, nos pequenos gestos que continuamente reafirmam a existência do burro mesmo quando não o vemos e na distorção e distanciamento em relação à voz de poder do outro.

Formalmente o filme procura abrir o espaço temporal da acção e assim acentuar o efeito de contágio nele contido. Heitor está em 1578 mas também está no futuro, no nosso presente. Ao partir em busca do seu burro vê navios modernos, aviões, fala com turistas. As suas questões não se reduzem e contêm no passado, contaminam e estão presentes nos nossos dias. O seu grito não é para ontem, é para hoje.

Vasco Saltão